

INSTITUTO
OCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte JT
Data 23/6/96 Pg 70
Class 18

A MATA QUE A CIDADE GANHOU

EM VEZ DE LOTEAR SEUS 150 ALQUEIRES DE TERRA EM PARELHEIROS, JAYME VITA ROSE RESOLVEU RECONSTITUIR A MATA ORIGINAL. ISSO FOI HÁ 17 ANOS. NASCIA A RESERVA DO CURUCUTU

Na cidade de São Paulo, a apenas 40 quilômetros da poluição e do barulho da Praça da Sé, em Parelheiros, há uma reserva florestal. São 800 mil m² de terra reconhecidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama) como a primeira e única reserva particular em uma capital brasileira.

A Reserva Florestal do Curucutu começou há 17 anos, quando o advogado Jayme Vita Roso, de 62 anos, proprietário de um terreno de 150 alqueires resolveu não mais fazer um loteamento no local, mas transformá-lo num patrimônio natural de restauração e preservação da flora e fauna.

Numa decisão conjunta com a família, resolveu vender parte de suas propriedades e investir o dinheiro lá dentro. O objetivo era recuperar o ecossistema original, totalmente devastado, e agrupar ali o maior número de espécies de árvores.

“É o meu comprometimento com a sociedade e com minha própria consciência”, afirma o advogado, advertindo que não deseja nenhum cargo político ou promoção. “Se eu ganho o suficiente para fazer alguma coisa em benefício dos outros, então eu certamente devo fazê-lo”.

O trabalho começou há 17 anos, com uma pesquisa pessoal em busca

de reconstituir a flora nativa. Sem ajuda alguma, o advogado passou a estudar biologia. Através de pesquisas em livros, avaliou o que era originalmente a vegetação de Mata Atlântica. Depois, procurou as mudas de que precisava, em hortos florestais e com particulares.

Hoje, além de obter as sementes — muitas delas raras — Vita Roso faz e planta as mudas. “Não adianta só plantar. As árvores têm que ser cuidadas individualmente. Três vezes por ano, cada árvore é limpa, adubada e podada”, conta. “As plantas são como crianças. Temos que acompanhar a gestação, o parto e o crescimento”, diz.

Sem recurso algum, do Estado ou de empresas privadas, Vita Roso afirma gastar uma parcela considerável de sua receita para investir em seu projeto. Só para manter a área e pagar os salários de seus oito funcionários, gasta mensalmente cerca de R\$ 4.000. E não recebe também nenhum incentivo fiscal ou abatimento do Imposto de Renda.

Considerado louco por muitos, o advogado se diz um “grande sonhador”. A reserva que começou como sonho de um lunático, já apresenta resultados reais. A propriedade tem 60 espécies diferentes de árvores e 280 mil exemplares plantados. “Me diziam que eu estava maluco. Fala-



A 40 km do centro de SP: flora e fauna originais

va em árvores aos 45 anos e não iria vê-las crescer. Mas acredito que valeu a pena. Nós não somos eternos, as florestas são”.

Vita Roso tem o orgulho de ter no País o único bosque de angico, uma árvore que, além de muito bonita e com qualidades medicinais, está em extinção. Possui ainda plantações de palmeiras, pau-marfim, canela e até pau-brasil, todas espécies em extinção, além de milhares de árvores frutíferas.

A recuperação da flora trouxe de volta os animais da região. Na floresta pode-se encontrar desde borboletas, periquitos, andorinhas e sabiás até aves maiores, como garças.

Jayme também afirma ter encontrado tatus, raposas e veados em sua propriedade. Seu maior orgulho, entretanto, é saber que é responsável por 0,5% do ar puro da Cidade.

Atualmente o advogado está em negociações com a Unesp — Rio Claro, única faculdade de Ecologia do Estado, para fazer um convênio de estudo com alunos da Pós Graduação. E pretende tornar a floresta um pólo de educação ambiental. “Querida fazer convênios com empresas, trazer grupos de alunos para conhecer a natureza e aprender a preservá-la”, diz.

Juliana Simão, especial para o JT



Jayme Vita Roso e o bosque de angicos